

## Entrevista de Domingo

Matéria publicada em 26/04/09

Sérsi Bardari

### A identificação com a literatura infantil fez surgir um hábil escritor

Sérsi Bardari tomou gosto pela leitura e pelo Português ao acompanhar as aventuras da turminha do Sítio do Picapau Amarelo

Daniel Queiroz



"Eu passava as férias na fazenda, como os personagens do Sítio do Picapau Amarelo. Foi isso que despertou meu interesse pela leitura"

Como nos contos de Monteiro Lobato, um menino da cidade grande passa as férias na fazenda da família, no interior. O Pedrinho dessa história é o escritor e professor Sérsi Bardari, um dos maiores patrimônios mogianos no quesito Língua Portuguesa e Literatura. Na fazenda do avô, na Suzano da década 50, o garoto reconheceu que sua vida era a mesma contada pelo escritor de Taubaté.

A emoção de sentir na pele o que estava escrito no papel fez com que ele tomasse gosto pela literatura infantil. Anos mais tarde,

seria um dos escritores da série Vaga-Lume, uma coleção que publicava livros especializados para crianças e jovens.

Com sabedoria e muito estudo, ele encontra na meditação a forma de enfrentar a vida atual, cheia de corre-corres e muito estresse. Define com extrema inteligência o momento atual, principalmente da nova geração de alunos que passa por ele. Critica a forma com que a tecnologia é utilizada pelos jovens e contesta a forma com que o governo tenta desenvolver o País, sem investir nas raízes.

Nem mesmo nos momentos mais inflados de suas respostas, ele muda sua feição. A calma demonstra uma incrível sensibilidade de lidar com o mundo, com os olhos de um artista, de um escritor, que faz da vida uma arte.

#### Mogi News: Como surgiu o interesse pela Literatura e pela Língua Portuguesa?

**Sérsi Bardari:** Desde que entrei na escola, o retorno que os professores me davam era de que eu escrevia bem, de que eu tinha mais inclinação para essa área. Eu tirava as melhores notas em Língua Portuguesa. Mas, fundamentalmente, o que marcou minha vida foi meu pai. Ele era um leitor voraz e aquilo despertou minha curiosidade. Antes mesmo de entrar na escola, ele me ensinou a ler. Comprou a coleção completa do Monteiro Lobato para crianças. No começo,

ele lia para mim, depois, eu já lia tudo sozinho. Eu me identifiquei muito com os livros do Monteiro Lobato naquela época, porque eu morava na capital, em São Paulo, e passava as férias na fazenda, como os personagens do Sítio do Picapau Amarelo. Foi isso que despertou meu interesse pela leitura.

### **MN: Quando conheceu Mogi das Cruzes?**

**Bardari:** Nasci em São Paulo, no Bom Retiro, mas conheço Mogi desde criança porque meu avô tinha fazenda em Suzano. A gente vinha passar as férias na fazenda e passeava no centro de Mogi. Meu pai é da região, tinha um primo mogiano. Eu passava a maior parte das minhas férias na fazenda em Suzano, que era o meu Sítio do Picapau Amarelo. Na adolescência, meu pai ergueu um sítio em Sabaúna e fomos morar lá. Depois, quando decidi que seria escritor, me mudei para o centro de Mogi e apresentei meus trabalhos nas universidades para trabalhar como professor.

### **MN: O senhor escreveu livros para a série Vaga-Lume, famosa por atrair leitores jovens. Como foi essa experiência e qual era o maior atrativo daqueles livros?**

**Bardari:** Antes da série Vaga-Lume tinha uma coleção chamada "Jovem do Mundo Todo", que foi a pioneira nesse segmento de leitura para jovens. Depois, a editora Ática criou a Vaga-Lume, lançando alguns livros antigos. Na minha opinião, o grande responsável pelo sucesso da série foi o escritor Marcos Rey, que fez fama ao criar livros que contavam romances policiais para jovens, nos quais os personagens eram exatamente crianças e adolescentes. As histórias atingiram em cheio as turmas de 5ª a 8ª séries. Os livros estimulam a imaginação e a inteligência deles. Porque com o livro da série, o leitor segue os passos de um crime e os autores colocam os jovens como os detetives das histórias. A coleção ficou tão famosa, que para escrever um livro era preciso seguir uma linha editorial, que era exatamente a do mistério, da ação. O meu livro que mais vende é 'A Maldição do Tesouro do Faraó', em que fui inspirado a contar uma história que ajuda os professores do ensino fundamental, de 5ª a 8ª séries, nas aulas de História, Geografia e até Ciências. Antes de escrever esse livro, viajei até o Egito. Acho que as pirâmides me deram inspiração para escrever essa obra, tão bem-aceita pelo público.

### **MN: O que o senhor achou da reforma ortográfica?**

**Bardari:** Acho que antes do presidente (Lula) ter assinado o projeto de lei que aprovou as mudanças, ele poderia ter olhado para outras áreas que necessitam de maior atenção. Adotar uma nova ortografia significa um custo muito grande, do ponto de vista da produção de livros, softwares e dicionários. Do ponto de vista da unificação da escrita eu até concordo, mas o Brasil nem é o País que mais tem tido dificuldade com isso, até porque apenas 0,46% da nossa língua foi alterada, o que é muito pouco. As mudanças não alteram em nada a forma de nos comunicarmos uns com os outros. O trema, por exemplo, nós não tínhamos o costume de usá-lo. Alguns órgãos da própria Imprensa o abandonaram faz tempo.

### **MN: Como o senhor vê a geração atual dos estudantes?**

**Bardari:** Eu acho que a tecnologia é um bem e é um mal. Porque, hoje em dia, a informação está tão fácil de ser acessada que a gente se perde no meio dela. Temos uma tendência de saber um pouco de cada coisa e nada aprofundado. O computador e a Internet deixaram os alunos mais preguiçosos, porque eles sabem que tudo está lá. Mas tudo de maneira fragmentada, superficial. Os alunos acham que fazer um trabalho é digitar uma palavra no Google e, depois, apenas imprimir o texto. Eles pensam que o professor não vai perceber. Na verdade, eu acho que a Internet nesse ponto é um mal. Mas também é um bem, porque é um ponto de partida para você saber onde está a informação. Só que o aluno não vai onde está a informação, ele para na Internet. Por isso, o aluno está perdendo essa oportunidade de escolher um objeto de conhecimento e se aprofundar nele. A própria sociedade está vivendo isso, não é só o aluno, não é apenas culpa dele, é culpa do processo acelerado que estamos vivendo. Os alunos ficam horas no Orkut, no Myspace, no Facebook. Que hora ele estuda? Que hora ele senta e lê um livro? A Internet nesse ponto é muito sedutora. Estamos vivendo um momento de superficialização, de identificação maior com a tecnologia do que com o conhecimento em si. Em vez de usarmos a tecnologia como uma ferramenta, a gente tem se deslumbrado com ela. Usando uma metáfora com Saramago, estamos no meio de uma cegueira.

MN: O que o senhor acha do futuro da informação? Qual é o futuro do jornal, do livro, da revista?

Bardari: Eu li estudos a respeito, que nos Estados Unidos, o jornalismo impresso expandiu o máximo que tinha para expandir, e que no Brasil ainda havia potencial de expansão para os próximos dez anos. Principalmente porque a Imprensa regional tem uma grande capacidade de crescer, como tem feito, por exemplo, o Mogi News, ao lançar livros e movimentar a economia da região. No meu ponto de vista, o jornal e a revista têm apenas de se adaptar ao novo momento, até porque a informação ficou mais rápida. Nós precisamos saber de tudo a todo instante. Com isso, cabe ao impresso ser o espaço de reflexão, o aprofundamento. Não acredito no fim do jornalismo impresso.